



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.37.97.AO01>

O autoconceito cognitivo de estudantes pretos (as) e pardos (as)

The cognitive self-concept of black and mixed-race students

El autoconcepto cognitivo de estudiantes pretos (as) y pardos (as)

Matheus do Nascimento Batista

Graduando em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Brasil.
batistanmatheus@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0687-983X>

Josafá Moreira da Cunha

Psicólogo, Professor e Doutor em Educação na Universidade Federal do Paraná, Brasil.
josafas@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4003-6847>

Bianca Nicz Ricci.

Psicóloga, Mestre em Educação na Universidade Federal do Paraná, Brasil.
biancanicz@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3807-7006>

Daiane da Silva Vasconcelos.

Psicóloga, Mestranda em Educação na Universidade Federal do Paraná, Brasil.
vasconcelos.daiane@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3004-1674>

Ana Cristina Bittencourt

Graduada em Administração, Mestre em Educação na Universidade Federal do Paraná, Brasil.
ac.bittencourt@yahoo.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0622-098X>

Ana Moreira Borges de Macedo

Psicóloga Pedagoga, Mestranda em Educação na Universidade Federal do Paraná, Brasil.
anamacedo266@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1213-4191>

Resumo

O presente trabalho propõe a análise sobre a associação entre a autoclassificação étnico-racial de estudantes pretos e pardos e o autoconceito cognitivo. Participaram do estudo 706 estudantes do Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas (Idade Média = 13,39 anos; D. P. = 1,94). Os resultados indicaram que a idade apresentou associação inversamente proporcional ao autoconceito, enquanto participantes auto classificados como pretos ou pardos apresentaram autoconceito cognitivo significativamente mais baixo que seus pares. Não foram identificadas interações entre gênero e autoconceito cognitivo. Os resultados destacam a potencial ação de estereótipos negativos que podem influenciar o desenvolvimento do autoconceito cognitivo de crianças pretas e pardas.

Palavras-chave: *Identidade. Autoconceito Cognitivo. População Negra. Ameaça do Estereótipo.*

Abstract

This paper proposes an analysis of the association between ethnic-racial self-classification of black and mixed race students and cognitive self-concept. The study included 706 students from public elementary and high schools (Average Age = 13.39 years; S. D = 1.94). Results indicated that age was inversely proportional to self-concept, while participants who were classified as black or mixed race presented significantly lower cognitive self-concept than their peers. No interactions were identified between gender and cognitive self-concept. The results highlight the potential action of negative stereotypes that may influence the development of cognitive self-concept in black and mixed race children.

Keywords: Identity. Cognitive Self-Concept. Black Population. Stereotype Threat.

Resumen

El presente trabajo propone el análisis sobre la asociación entre la autclasificación étnico-racial de estudiantes pretos y pardos y el autoconceito cognitivo. Participaron del estudio 706 estudiantes de Primaria y de Secundaria de escuelas públicas (Edad Media = 13,39 años; D. P. = 1,94). Los resultados indicaron que la edad presentó asociación inversamente proporcional al autoconceito, mientras que los participantes autclasificados como pretos o pardos presentaron autoconceito cognitivo significativamente más bajo que sus pares. No fueron identificadas interacciones entre género y autoconceito cognitivo. Los resultados destacan la potencial acción de estereotipos negativos que pueden influenciar el desarrollo del autoconceito cognitivo de niños pretos y pardos.

Palabras clave: Identidad. Autoconceito Cognitivo. Población Negra. Amenaza del Estereotipo.

Introdução

Ao considerar processos de desenvolvimento psicológico, algumas diferenças podem ser compreendidas por meio do estudo da influência do pertencimento a grupos étnicos ou raciais. Dados do censo populacional de 2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2010) revelam que mais da metade da população brasileira pode ser considerada preta ou parda, sendo que estas categorias podem ser agregadas como a “população negra”. E embora estudos psicológicos que abordam relações raciais possam ser identificados (Martins, dos Santos, & Colosso, 2013), a produção recente na psicologia parece ainda conter lacunas importantes quanto a estudos que considerem aspectos como o preconceito racial (Sacco, Couto, & Koller, 2016).

A lacuna quanto a estudos psicológicos sobre a população negra se manifesta em especial em estudos que abordam experiências de crianças e adolescentes. Ainda que a base de conhecimento da psicologia do desenvolvimento tenha se expandido em décadas recentes, é preciso atenção especial a compreensão de processos psicológicos entre crianças negras por meio de aspectos tão simples como a descrição de identificações raciais dos participantes na descrição de artigos, o que ainda parece não ser observado em estudos recentes sobre o desenvolvimento do autoconceito (ex., Schiavoni & Martinelli, 2017; Lemos & Batista, 2017). Diante deste desafio, o presente trabalho propõe a análise específica sobre o desenvolvimento do autoconceito cognitivo entre estudantes pretos e pardos, abordando a possível influência de aspectos raciais neste processo.

Ao retomar o conceito de raça, destaca-se como populações humanas podem ser categorizadas por meio de atributos e diferenças corporais, hipotéticos ou reais, eventualmente utilizados para explicar modos de interação com as populações e com pessoas específicas. E na medida em que tais interpretações organizam relações intra e inter psicológicas, as diferenças podem produzir, inclusive, os preconceitos, as discriminações e as segregações (da Silva, 2018).

No caso do Brasil, as categorias de raça e cor refletem expectativas que podem influenciar as trajetórias de desenvolvimento da população negra. A cor da pele e as outras características corporais, como os aspectos dos olhos, do nariz e dos lábios, podem conectar a raça e a categoria social e produzir percepções de subalternidade em pessoas como os pretos e os pardos (Martins, 2013). Na literatura brasileira, as categorias de raça e cor ‘preto’, ‘pardo’ e ‘negro’ são frequentemente usadas para examinar características desta população, tomando como base a autoclassificação racial (Oliveira, 2004). Embora o uso da autoclassificação racial possa ser considerado um dos elementos fundamentais para a compreensão da identidade étnico-racial, também é relevante considerar aspectos como o senso de pertencimento, comportamentos e crenças étnico-raciais (Phinney & Ong, 2007).

A identidade étnico-racial, definida como o processo pelo qual pessoas se identificam com um grupo étnico ou racial, está associada aos modos como as pessoas se percebem, para além das ideias que apresentam sobre quem são e sobre quem são os outros (Cokley, 2014; Giménez, 2010). Ou seja, o desenvolvimento da identidade étnico-racial é construído socialmente, e não se caracteriza como um processo exclusivamente ontogenético (Fialho & Miranda, 2015), interagindo com outros grupos sociais e suas

representações sociais (Cokley, 2014). Deste modo, o desenvolvimento da identidade étnico-racial pode ser influenciado por aspectos diversos do contexto, incluindo a relação com pares, familiares e no ambiente escolar (Graham & Echols, 2018). É importante notar que, embora frequentemente tal temática seja abordada sob um viés de déficit e risco, considerando as assimetrias em uma sociedade, a literatura aponta que o desenvolvimento de uma identidade étnico-racial positiva pode ser um fator de proteção importante para o desenvolvimento de crianças e adolescentes (Yasui, Dorham, Dishion, 2004), também no que diz respeito a aspectos como a autoestima (Phinney & Chavira, 1992).

O autoconceito pode ser compreendido como uma autoavaliação cognitiva sobre atributos pessoais, podendo incluir domínios como o social, corporal, cognitivo, dentre outros (Bandeira, Arteché, & Reppold, 2008). O autoconceito cognitivo, em especial, contempla as percepções dos estudantes sobre as suas habilidades nas respostas para as demandas escolares, como as percepções sobre o desempenho nas aulas (Bandeira et al., 2008). Considerando as desigualdades educacionais relacionadas a etnia ou a raça já documentadas na literatura nacional (ex., Carneiro, 2015; Paixão, 2008; IBGE, 2017; Bonetti & Abreu, 2011) é plausível considerar a influência de aspectos étnico-raciais no desenvolvimento do autoconceito cognitivo.

Ao examinar as associações entre a autoclassificação étnico-racial e o autoconceito cognitivo de estudantes pretos e pardos, é possível articular debates sobre processos psicológicos que podem ajudar a explicar tais diferenças. Para Paulo (2014), os estereótipos representam a aplicação de características às pessoas de uma categoria, inclusive às pessoas de uma determinada categoria étnico-racial, como os pretos e como os pardos. Os estereótipos sintetizam as pessoas em determinadas características simples e elementares representadas de modo estável na natureza, que separam o normal e o aceitável do anormal e do inaceitável (Hall, 2010). Os estereótipos demonstram-se sobretudo em contextos que apresentam significativas desigualdades de poder. No estudo coordenado por Mazzon (2009), 31,3% dos (as) 15.087 estudantes envolvidos (as) relataram ter observado estudantes negros serem maltratados na escola, sendo que os resultados destacam como estereótipos negativos quanto a pessoas pretas e pardas ainda caracterizam contextos de escolarização no Brasil.

Quais processos psicológicos podem explicar o impacto de experiências como a discriminação étnico-racial no autoconceito?

O trabalho seminal de Steele e Aronson (1995) sobre a ameaça do estereótipo destaca que os estereótipos negativos podem produzir resultados significativamente negativos para o autoconceito cognitivo das pessoas. A ameaça do estereótipo supõe que as pessoas que se identificam com uma determinada categoria alvo de estereótipos negativos, como no caso de pretos e os pardos, e submetidas a uma atividade intelectual que considera estes estereótipos, podem apresentar uma significativa diminuição no desempenho (Silva, 2007).

Diante de desafios que enfatizam aspectos cognitivos, como provas escolares, estudantes pretos e pardos podem se deparar com os estereótipos negativos que podem reforçar ou contestar hipóteses de desempenho influenciadas por tais estereótipos (Steele & Aronson, 1995). Contextos de hostilidade às características raciais dos estudantes pretos e pardos podem influenciar negativamente o desempenho intelectual destes estudantes, por vezes pela repetição de estereótipos em falas como “Estudantes negros jogam bem futebol, mas não são bons em matemática”. Neste contexto, a ameaça do estereótipo opera potencializando as conexões entre a inabilidade e a identificação étnico-racial (Steele & Aronson, 1995).

Um exemplo de estudo sobre a ameaça do estereótipo no contexto brasileiro foi conduzido por Silva (2007) que, diante de controvérsias relacionadas a ações afirmativas no ensino superior e o desempenho intelectual de estudantes pretos, encontrou oportunidade para examinar em que medida o desempenho de tais estudantes poderia ser influenciado pelos estereótipos sobre seu desempenho. Participaram do estudo 120 estudantes de duas universidades da Bahia, no Brasil, incluindo 60 estudantes que ingressaram nas instituições por meio de concorrência geral, e 60 estudantes beneficiados pelo sistema das cotas para estudantes oriundos de escolas públicas, predominantemente pretos. Os resultados do trabalho de Silva (2007) indicaram que os estudantes pretos, sob os efeitos da ameaça do estereótipo em uma atividade intelectual, apresentam um desempenho intelectual significativamente inferior aos demais participantes não expostos à ameaça daquele estereótipo (Silva, 2007). Na continuidade do estudo, ao invés de destacar estereótipos negativos, foram apresentados elementos de valorização a estudantes que ingressaram por meio de cotas, sendo que nesta condição o desempenho deste grupo foi equivalente aos demais participantes. O autoconceito cognitivo dos participantes é construído de modo dinâmico de acordo com as referências fornecidas

pelo contexto, incluindo tanto o desempenho em avaliações, mas também as expectativas de desempenho.

Método

Considerando a potencial influência da identidade étnico-racial no desenvolvimento do autoconceito cognitivo, o presente trabalho conduziu estudo com delineamento correlacional e corte transversal para examinar a associação entre a autoclassificação étnico-racial e autoconceito cognitivo de estudantes da educação básica.

Participantes

Participaram do estudo 706 estudantes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio de escolas da rede pública de ensino em Curitiba, no Estado do Paraná. Os (as) participantes relataram idades entre 9 e 21 anos (Idade Média = 13,39 anos; D.P. = 1,94), sendo que 52,8% se identificaram com o gênero feminino. No que se refere a autoclassificação étnico-racial, 55,1% destes estudantes se identificaram como brancos, 30,5% como pardos, 8,5% como pretos, 3,8% como amarelos e 2,1% se autodeclararam como indígenas. Vale notar que, embora os participantes tenham se identificado majoritariamente como brancos, a proporção de estudantes pretos e pardos é superior àquela observada para o estado do Paraná no Censo Demográfico de 2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2010), no qual 28,3% da população paranaense foi identificada como preta ou parda na autodeclaração.

Procedimentos

A amostra foi selecionada por conveniência após aprovação de projeto sobre influências individuais e contextuais na vitimização entre pares no Comitê de Ética do Setor de Saúde da Universidade Federal do Paraná (CAAE 54404616.0.0000.0102). Após a aprovação deste projeto, os pesquisadores entraram em contato com as equipes de direção e coordenação pedagógica das escolas para apresentar os procedimentos e os propósitos do estudo. Com a autorização para a realização do estudo na instituição, o convite para participação na pesquisa foi feito pelos pesquisadores para os estudantes das turmas entre o 6º ano (Ensino Fundamental) e o 3º ano (Ensino Médio). Comunicou-se que para os interessados em participar seria indispensável o consentimento dos

responsáveis em um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Com o recolhimento dos TCLEs preenchidos, os pesquisadores estabeleceram as datas apropriadas para a coleta dos dados. A coleta dos dados ocorreu em Junho de 2017.

A coleta de dados ocorreu em grupos com no máximo 28 estudantes, sendo que o instrumento de autorelato foi aplicado em formato digital com uso de tablets e do programa KoboToolbox (Corcino & Cunha, 2017). Antes de iniciar a aplicação do questionário, foram apresentados os direitos dos participantes, com destaque para o sigilo dos dados e disponibilidade de apoio para o esclarecimento de eventuais dúvidas.

Instrumento

A análise apresentada concentra-se em dados sociodemográficos, incluindo idade, gênero (0 = feminino, 1 = masculino) e autoclassificação étnico-racial dos participantes. Considerando os objetivos do trabalho, dados sobre a autoclassificação étnico-racial foram dicotomizados nas categorias (1) pretos e pardos, e (2) brancos, amarelos e indígenas. A Escala de Competência Percebida para Crianças (Santo et al., 2013), utilizada para avaliação do autoconceito, é descrita a seguir.

Escala de Competência Percebida para Crianças

A Escala de Competência Percebida para Crianças - ECPC (Santo et al., 2013) avalia aspectos globais, cognitivos, sociais e físicos do autoconceito de crianças. Os itens da ECPC foram traduzidos da língua inglesa e avaliados por meio de piloto, apresentando características adequadas para uso em pesquisa. Tendo em vista os objetivos do presente trabalho, foram utilizados na análise sete itens relacionados ao domínio cognitivo (ex. Eu sou muito bom na escola), listados na Tabela 1. Os itens foram avaliados por meio de cinco pontos de concordância, oscilando entre “Discordo totalmente” e “Concordo totalmente”, apresentando índice de consistência interna adequado ($\alpha = 0,77$).

Tabela 1

Domínio Cognitivo da Escala de Competência Percebida para Crianças

| Itens | Descrição |
|-------|---|
| A | Eu sou muito bom na escola |
| B | Sou tão inteligente quanto às outras pessoas da minha idade |
| C | Eu sou lento para terminar minhas tarefas escolares |
| D | Eu esqueço o que aprendi frequentemente |
| E | Eu vou bem na escola |
| F | É difícil para mim entender as respostas certas na escola |
| G | Eu completo as minhas tarefas de casa rapidamente |

Análise estatística

Após etapa de análise descritiva, verificando em especial as características da distribuição dos dados, procedeu-se análise inferencial para testar a hipótese da influência da identidade étnico-racial no autoconceito cognitivo, para além de aspectos sociodemográficos. As associações entre a idade, gênero e identidade étnico-racial com o autoconceito cognitivo dos estudantes pretos e pardos foi examinada por meio de análise de regressão múltipla.

Resultados

Os resultados da análise de regressão são apresentados na Tabela 2, sendo que este modelo explicou 4,1% da variância no autoconceito cognitivo ($F(3, 662) = 9,54; p < 0,05; R^2 = 4,1\%$). Quanto aos aspectos sociodemográficos idade e gênero, constatou-se que a idade dos (as) estudantes foi negativamente associada com o autoconceito cognitivo dos participantes ($Beta = -0,16; T = -4,39; p < 0,01$). Ou seja, a idade dos participantes apresentou uma relação inversamente proporcional ao autoconceito cognitivo. No que se refere ao gênero, não foi verificada diferença significativa quanto ao autoconceito cognitivo e identificação de gênero ($T = -1,26; p = 0,20$).

Finalmente, a análise sobre a percepção do autoconceito cognitivo e a variável de autoclassificação étnico-racial revelou associação negativa ao autoconceito cognitivo

(Beta = -0,11; T = -2,89; $p < 0,01$). Para explicar, estudantes que se autodeclararam como pretos e como pardos apresentaram autoconceito cognitivo significativamente inferior ao de seus pares.

Tabela 2

Autoconceito Cognitivo predito pela idade, gênero e identificação étnico-racial

| Modelo | Variável | B | Erro Padrão | Beta | T | Sig. |
|--------|-----------------|-------|-------------|-------|-------|------|
| | Idade | -0,06 | 0,14 | -0,16 | -4,39 | 0,01 |
| | Gênero | -0,06 | 0,55 | -0,04 | -1,26 | 0,20 |
| | Pretos e Pardos | -0,16 | 0,56 | -0,11 | -2,89 | 0,01 |

Nota. Gênero (0 = Feminino; 1 = Masculino); Pretos e Pardos (0 = brancos, amarelos e indígenas; 1 = pretos e pardos).

Discussão

O presente estudo propôs a análise específica sobre a influência da identidade étnico-racial no autoconceito cognitivo. Constatou-se que enquanto a idade apresentou associação negativa ao autoconceito cognitivo, participantes que se declararam como pretos ou pardos apresentaram autoconceito cognitivo significativamente mais baixo em comparação a seus pares. A interação entre o autoconceito cognitivo e tais aspectos pode sugerir a influência de estereótipos negativos, particularmente em relação a estudantes pretos e pardos, e talvez refletindo ainda estereótipos quanto a estudantes mais velhos ou com distorções entre idade e série escolar.

Os resultados apresentados sobre a idade e a autodeclaração racial podem estar especialmente associados com os resultados constatados em estudos sobre a ameaça do estereótipo (Steele & Aronson, 1995; Silva, 2007), visto que as informações apresentadas nestes estudos revelam sobretudo que os estudantes que se identificam com grupos étnico-raciais em situação de desvantagem social, como pretos e pardos, podem ser prejudicados objetivamente em seu desempenho intelectual como resultado da ameaça do estereótipo. As interações desiguais no cotidiano e pretos e de pardos podem estar associadas, inclusive, com a desvalorização destas categorias étnico-raciais. A apresentação das imagens, do cotidiano e da cultura dos pretos e dos pardos de modo positivo mostra-se,

então, como uma das estratégias para contestar o sistema racializado e estereotipado hegemônico das representações sociais negativas destas populações (Hall, 2010).

Considerações Finais

Considerando os resultados e as interpretações apresentadas, destaca-se as potenciais desvantagens a que estudantes pretos e pardos podem estar expostos no processo de desenvolvimento do autoconceito cognitivo. É plausível que uma proporção significativa das experiências escolares desses estudantes possa reforçar tais estereótipos, sendo indispensável o desenvolvimento de contextos que propiciem o desenvolvimento de um autoconceito cognitivo positivo, em que a percepção de acolhimento e pertencimento de estudantes pretos e pardos seja marcada, valorizando os méritos e contribuições específicas da população preta brasileira (Silva, 2007). O estabelecimento destas medidas pode potencializar o desempenho intelectual de tais estudantes, reduzindo desigualdades (Steele & Aronson, 1995).

Estudos futuros poderão aperfeiçoar a análise das temáticas aqui propostas, em especial por meio do uso de cortes longitudinais, que poderão elucidar aspectos como o desenvolvimento da identidade étnico-racial e repercussões em domínios do autoconceito. O uso de escalas de identidade étnico-racial poderá também ser considerado, permitindo uma perspectiva sobre o desenvolvimento étnico-racial com maiores nuances que aquelas alcançadas no presente estudo.

E parece ser oportuno sugerir a estudos psicológicos conduzidos no Brasil, de modo geral, a inclusão da autoclassificação étnico-racial dentre as variáveis sociodemográficas, contribuindo para a produção de modelos teóricos que consideram adequadamente este aspecto da população brasileira, que não é totalmente branca, masculina ou rica. Deste modo, estudos psicológicos produzidos no Brasil poderão não apenas construir modelos mais robustos e representativos, mas também contribuir para a representatividade e combate a estereótipos negativos sobre a população preta e parda brasileira.

Agradecimentos

Este artigo é baseado em parte do trabalho desenvolvido com suporte do Programa Institucional de Apoio à Inclusão Social, Pesquisa e Extensão Universitária

– UFPR/Fundação Araucária. Agradecemos a Hellen Tsuruda, Sarah Aline Roza, Elisiane Pescini, Loriane Trombini Frick, Vitor Yano, Janayna Trindade, Danrlei Vitorio, Filipe Martignoni Carneiro, Rafael Bossoni, Lucas Tsuruda, Marie Stanis e Romilda Silva por seus comentários valiosos.

Referências

- Bandeira, D. R., Arteché, A. X., & Reppold, C. T. (2008). Escala de autopercepção de Harter para adolescentes: um estudo de validação. *Psicologia: teoria e pesquisa. Brasília. Vol. 24, n. 3 (jul./set. 2008), p. 341-345.*
- Bonetti, A., & Abreu, M. A. (2011). Faces da desigualdade de gênero e raça no Brasil.
- Carneiro, S. (2015). *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. Selo Negro.
- Cokley, K. O. (2014). *The myth of Black anti-intellectualism: A true psychology of African American students*. ABC-CLIO.
- Corcino, J. R. M. J., & da Cunha, J. M. (2017). As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) como ferramenta em pesquisas acadêmicas: Análise do software KoBoToolbox. *Revista Brasileira de Iniciação Científica, 4(9)*.
- Da Silva, P. V. B. (2018). Apontamentos sobre o Racismo no Brasil. In J. M. da Cunha., H. T. Amaral., V. A. Yano., N. S. Machado (Orgs.), *Bullying, Racismo e Discriminação Racial (Mod. 2, Cap. 2, pp. 10-63)*. Curitiba: NEAB-UFPR.
- Fialho, C. E. M., & Miranda, T. B. (2014). Notes on methodology in the research "Blondes: a study on hair color and production of identity"/Notas de metodologia da pesquisa "Loiras: um estudo sobre cor do cabelo e produção da identidade". *Revista Artemis, 18(1)*, 199-212.
- Giménez, G. (2010). Cultura, identidad y procesos de individualización. *Conceptos y fenómenos fundamentales de nuestro tiempo, 3*.
- Graham, S., & Echols, L. (2018). Race and ethnicity in peer relations research.
- Hall, S. (2010). Sin garantías. *Trayectorias y problemáticas en estudios culturales, 257-285*.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Censo demográfico 2010*.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2017). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Educação 2017.

- Lemos, J. M., & Batista, A. P. (2017). Relação entre autoconceito de crianças e estilos de liderança de professores. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21(1), 53-63.
- Martins, R. (2013). Hip hop, arte e cultura política: expressões culturais e representações da diáspora africana. *Em Questão*, 19(2), 260-282.
- Martins, E., dos Santos, A. D. O., & Colosso, M. (2013). Relações étnico-raciais e psicologia: publicações em periódicos da SciELO e Lilacs. *Psicologia: teoria e prática*, 15(3), 118-133.
- Mazzon, J. A. (2009). Principais resultados: projeto de estudo sobre ações discriminatórias no âmbito escolar, organizadas de acordo com áreas temáticas, a saber, étnico-racial, gênero, geracional, territorial, necessidades especiais, socioeconômica e orientação sexual. São Paulo: Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.
- Oliveira, F. (2004). Ser negro no Brasil: alcances e limites. *Estudos Avançados*, 18(50), 57-60.
- Paixão, M. (2008). *A dialética do bom aluno: relações raciais eo sistema educacional brasileiro*. Ed. FGV.
- Paulo, J. O. D. S. (2014). *Ameaça de estereótipo: efeitos da identidade racial, percepção intergrupala e sexo* (Dissertação de Mestrado).
- Phinney, J. S., & Chavira, V. (1992). Ethnic identity and self-esteem: An exploratory longitudinal study. *Journal of adolescence*, 15(3), 271-281.
- Phinney, J. S., & Ong, A. D. (2007). Conceptualization and measurement of ethnic identity: Current status and future directions. *Journal of counseling Psychology*, 54(3), 271.
- Sacco, A. M., de Paula Couto, M. C. P., & Koller, S. H. (2016). Revisão sistemática de estudos da psicologia brasileira sobre preconceito racial. *Temas em Psicologia*, 24(1), 233-250.
- Santo, J. B., Bukowski, W. M., Stella-Lopez, L., Carmago, G., Mayman, S. B., & Adams, R. E. (2013). Factors underlying contextual variations in the structure of the self: Differences related to SES, gender, culture, and “majority/nonmajority” status during early adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 23(1), 69-80.
- Schiavoni, A., & de Cássia Martinelli, S. (2017). O autoconceito de estudantes aceitos e rejeitados no contexto escolar. *Psicologia argumento*, 30(69). p. 297-305.

- Silva, J. F. D. (2007). Ameaça dos estereótipos na performance intelectual de estudantes universitários ingressos pelo sistema de cotas (Dissertação de Mestrado).
- Steele, C. M., & Aronson, J. (1995). Stereotype threat and the intellectual test performance of African Americans. *Journal of personality and social psychology*, *69*(5), 797.
- Yasui, M., Dorham, C. L., & Dishion, T. J. (2004). Ethnic identity and psychological adjustment: A validity analysis for European American and African American adolescents. *Journal of Adolescent Research*, *19*(6), 807-825.